

# Diretoria da Associação Paulista de Cafeicultores

Palavras do sr. Mario Rollim Telles, novo presidente da entidade

Realizou-se em 28 de fevereiro p.p., o ato de posse da nova diretoria da Associação Paulista de Cafeicultores. A reunião foi instalada pelo sr. José Americo Sampaio, presidente cujo mandato cessara S.S. convidou para ocuparem a mesa o cap. Ademar Ferreira, representante do governador do Estado; Jaime de Almeida Pinto, secretário da Agricultura; Francisco Satorio da Lorenza Fernandes, chefe do Escritório do Instituto Brasileiro do Café em São Paulo, Clovis de Sales Santos, presidente da FARESP, Garibaldi Reali, representante da Federação das Associações Rurais do Paraná; Alcides Pavan, representante da APAC; Plínio Cavalcanti de Albuquerque, diretor do Departamento do Café da Sociedade Rural Brasileira; Caio Simões, presidente da Cooperativa dos Lavadores de Café; e representantes da Associação Comercial de Santos e da Associação Comercial de São Paulo.

Após a solenidade, o sr. Jaime de Almeida Pinto coube presidir a solenidade. Após a aprovação do relatório e das contas da anterior diretoria, o sr. José Americo Sampaio, afirma que a situação da cafeicultura é angustiosa. O custeio não cessa de elevar-se. Os financiamentos são atendidos como meros favores. Os estoques de café acumulam-se nos portos. A queda de divisas é notória. O governo federal contínuo, em suas loucuras, político-administrativas, faz gastos improdutivo. Enquanto isso volta-se a falar em quotas de sacrifício. Recusa-se o governo a utilizar seu último triunfo, o grande estoque. Prefere permanecer inerte. O artificialismo burocrático dificulta as exportações. Alerta no tocante ao perigo com que se apresenta a situação, encarecendo a necessidade de uma ofensiva comercial. Manifesta-se contra a retenção de café, mais assimila que, a seu ver, o governo não se interessa em vender café em maior quantidade, quando se impõe a oferta competitiva. Não se explica, contudo, como a Colômbia e outros concorrentes podem vender todo o seu café, enquanto o Brasil acumula estoques. A seu ver, bem como do sr. Clovis de Sales Santos, presidente da FARESP e Jaime de Almeida Pinto, que falaram adiante, só a reforma cambial poderia criar condições para o aumento das exportações.

## FALA O NOVO PRESIDENTE

O discurso do sr. Mario Rollim Telles, novo presidente da Associação Paulista de Cafeicultores, opõe-se a tese defendida pelo sr. José Americo Sampaio. O antigo secretário da Fazenda de São Paulo continua a pugnar intransigentemente, pela defesa do mercado cafeeiro. Em sua opinião, café sem defesa não tem preço. Afirmou que a história da economia cafeeira ensina que a redução dos preços por parte do Brasil em outras épocas não serviu para colocar as sobras. Nem sequer deteve a ofensiva dos concorrentes.

Assinala, ainda, que as quotas de sacrifício e as queimas de café, incentivaram a produção dos outros. "Quem não esvaziava prateleiras que ameaçavam os outros concorrentes".

O senhor Mario Rollim Telles é de parecer que a política cafeeira do mi-

nistro da Fazenda, senhor José Maria Alkimim, e do presidente do I.B.C., senhor Paulo Guzzo, deve continuar a ser executada, com a manutenção dos preços e a média normal de vendas. Para tanto é de parecer que os cafeicultores e suas entidades de classe devem prestigiar o governo na própria defesa de seus interesses e dos interesses mais altos do país. Assinala que a desconfiança apenas gera e estimula a redução das exportações.

Após prosseguir, acrescenta: "Executado com firmeza o atual programa até 30 de junho e estabelecido desde logo que as alterações para o futuro não prejudicam os níveis de preços, o Brasil venderá, no mínimo, os 15 milhões de sua média habitual de vendas e nem é de presumir segundo as estatísticas americanas que deixe de vender igual quantidade em 1958 e 1959. O que de mais grave lhe vem acontecendo é não ser beneficiado em nada pelo crescente consumo mundial, que é absorvido totalmente pelos outros concorrentes.

Para corrigir essa situação é que sempre insistimos no programa de defesa do café a longo prazo.

Agora, não se pense um instante sequer que nos conformamos com essa política de recuo nosso para o problema dos outros. Encaramos o problema sob dois aspectos: o presente e o futuro. Para o presente, só vemos uma solução: resistência nos preços e cumprimento integral do programa até 30 de junho, com mais desembaraço, mais rapidez nas classificações por parte do I.B.C. para liberar e pegar os cafés mostrando assim firmeza no plano, uma vez que as demoras provocam explorações, prejuízos e falta de confiança.

Para o segundo, isto é, depois de 30 de junho, para um programa a longo prazo, manter os níveis dos preços atuais, não comprar no disponível para dar mais movimento ao comércio normal, dar mais fortalecimento e mais liberdade ao comércio de exportação. Dar mais elasticidade de classificação para a exportação de acordo com os preços dos concorrentes. Organizam a distribuição de café, por uma organização nacional com subsídio do comércio existente, abertura de casas de café e subsídio a marcas que só usam café brasileiro. Organizar propaganda intensa e, enfim, com técnicos competentes, a organização de bom plano. Esse será o programa desta presidência que levará ao estudo desta Associação, empenhando todos seus esforços junto ao governo para que desde logo se estabeleça o programa de defesa do café a longo prazo."

A NOVA DIRETORIA ELEITA  
A diretoria eleita para o biênio 1958-1959, tem a seguinte constituição: srs. Mario Rollim Telles, presidente, Luiz Emmanuel Bianchi, 1º vice-presidente; Hélio Mota, 2º vice-presidente; Zeuno Simões, 3º vice-presidente, Dario Dias de Moura, secretário, Gabriel Pères Figueiredo, 2º secretário; Sebastião Simões Carvalho, tesoureiro; Adolfo Bastos Filho, 2º tesoureiro.

Para o Conselho Consultivo, foram eleitos os srs. Agenor Simões, Caio Simões, José Americo Sampaio, Luiz Fortunato Moreira Ferreira, Paulo Guzzo, Pedro Piva, Plínio Cavalcanti



Mário Rollim Telles

de Albuquerque, Randolpho Gomes, Monteiro Hayne, Sálvio Pacheco de Almeida Prado e Raul Soares.

## \* CENTRO DE TREINAMENTO AGRÍCOLA EM MOGI DAS CRUZES

O estabelecimento que visa à fixação dos jovens no meio rural terá as obras do edifício-sede iniciadas dentro de poucos dias

Mogi das Cruzes, um dos maiores municípios paulistas na produção de gêneros de primeira necessidade que são destinados aos dois maiores centros consumidores do país. Distrito Federal e São Paulo, terá um moderno centro cooperativo de treinamento agrícola, destinado a dar aos filhos dos agricultores, maior soma de conhecimentos dos assuntos relacionados com o racional aproveitamento da terra, visando possibilitar mais produção e menores preços.

O objetivo do Centro de Mogi das Cruzes será o preparo da juventude do município de sua assessoria-técnica alta, evitando-se, dessa maneira, os permanentes exodos rurais para as cidades.

Para a realização das diversas modalidades de cursos previstos, pretende a Campanha Nacional de Educação Rural, órgão do Ministério da Educação, encarregado deste setor, enviar ao município, elementos de sua assessoria-técnica, altamente experimentados em trabalhos pioneiros de educação de jovens.

Como a Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes está interessada no imediato funcionamento do Centro, já dou o terreno ao Estado, a fim de que possa ser utilizado, rapidamente. Nesse sentido, o governador Jânio Quadros, autorizou a construção da sede do estabelecimento, estando previsto o início das obras para dentro de alguns dias.

Em informações prestadas à reportagem, o prof. Colombo Arregui, coordenador da Campanha Nacional de Educação Rural, declarou que o pessoal encarregado de concretizar essa realização em Mogi das Cruzes, será treinado em Taubaté, município do Estado do Rio Grande do Sul, local onde foi instalado o primeiro Centro do gênero no Sul do país, cujos resultados vêm sendo dos mais apreciáveis no campo da manutenção da juventude nas lides rurais, garantindo-se assim, um aumento da produção de gêneros de primeira necessidade no Brasil.